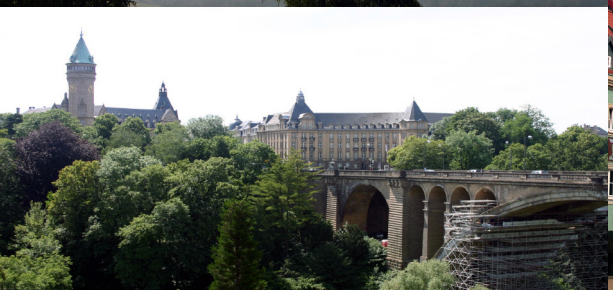
# magazinephilos

nº 55

SETEMBRO / SEPTEMBER
2015

ANO / YEAR XIV



EDIÇÃO BILINGUE / BILINGUAL EDITION

WWW.PHILOS.PT

Questões da qualidade — Quality issues
Crónica de Carlos Castilho Pais — Chronicle by Carlos Castilho Pais
Passatempo — For fun
Tradumática — Tradumatics
Álbum de Fotografias — Photo Album
Impressões de viagem — Travel musings

ISSN 2182-1550

© philos - comunicação global, lda 2009

3
Contra a Corrente ❁ Against the Current
Torneiras e Tradução
Taps and Translations

4
Questões da Qualidade ❁ Quality Issues
Crowd-based Post-editing

5
"... da Ocidental praia lusitana" ❁ "... from the Western lusitanian shore"
O Ulmeiro de Monção / The Elm of Monção

6
Em português ❁ In Portuguese
Crónica de Carlos Castilho Pais / Chronicle by Carlos Castilho Pais

7
Gosta de flores? ❁ Are you a flower fan?

8
Passatempo ❁ For Fun !!!!!!

9
Crónica das Leiras ❁ *Leiras'* farm chronicle
No Reino do Faz-de-Conta / In Make-Believe Land

10
An Englishman in Lisbon ❁ Um inglês em Lisboa

11
Biblioteca ❁ Library
(Re)leituras :: (Re)reading
Poemas de Vida :: Lifetime Poems

12
Derivações de um Guarda-Livros ❁ Musings from a Bookworm
*Em direto, na televisão*
*Live, on television*

13
Tradumática ❁ Tradumatics
LightShot – captura de ecrã à distância de dois cliques / screen capture two clicks away

14
Álbum de Fotografias ❁ Photo Album

20
Artes ❁ Arts

21
Impressões de Viagem ❁ Travel Musings
Do Douro ao Danúbio – Chegada (atribulada) a Valência
From the Douro to the Danube – The (rigorous) route to Valencia

1 - Suíça :: Switzerland, 2 - Luxemburgo :: Luxembourg
3 & 4 - Polónia :: Poland, 5 - Hungria :: Hungary

# Torneiras e Tradução

## Taps and Translations

Se, à primeira vista, não se percebe o que tem a ver o "tutu" com as calças, nem com olhos de lince se destrinça o que podem as torneiras ter a ver com a tradução – dirão os meus caríssimos leitores.
Ora bem, digo-vos que andamos todos cegos. E, lá diz o ditado, "em terra de cegos quem tem olho é rei". Eles explicam:
***"Antes havia o problema da distribuição da água e o facto de passarmos a ter torneiras em casa resolveu-o"!***
Espetacular (*awesome*), não é verdade? Pois é exatamente o que se passa com a tradução! Ainda não perceberam? Eles explicam melhor. Tem tudo a ver com a ***"necessidade de criar uma maneira escalável de traduzir em qualidade, e apostando na velocidade social e tradução humana".*** Leram bem esta frase notável? Ora leiam lá outra vez, se faz favor.
Pois, é isso, além de cegos, somos todos uns iletrados. Não falamos a linguagem dos tempos. Que tempos? Os do futuro, meus caros, os do futuro já hoje, este presente fantástico em que nos basta abrir a torneira para ver jorrar laudas e laudas de tradução fresquinha, acabadinha de fazer, ainda a fumegar de escalabilidade e velocidade social!
E nós aqui preocupados com Normas da Qualidade, Certificações da Qualidade, Padrões Internacionais da Qualidade, Controlo da Qualidade, traduções exclusivamente executadas por profissionais nativos da língua de destino...
Qual o quê? Tudo para as urtigas! Fala duas línguas? Já está "in". E se traduz para três ou quatro, então está ainda mais "in". Pronto, eles desvendam o mistério: é o "*Crowd Post-Editing*". Elementar, meu caro Watson!
Passa-se assim: ***"Partimos de uma tradução automática, depois o texto é segmentado em trechos e dividido pelos tradutores e, no fim, um tradutor sénior confirma".***
Objetivo? Eles explicam: um tradutor normal (quer dizer, nós os trogloditas) traduz 300 a 400 palavras por hora. O objetivo é que venha a traduzir 40 mil.
Leram bem? Quarenta mil palavras por hora, ou seja, umas 130 páginas... Claro que não se trata de traduzir, mas sim de rever tradução automática, mas... já experimentaram ler 130 páginas numa hora? Suspeito que estes senhores do "Crowd Post-Editing" só leram mesmo páginas em branco... sem ofensa, é claro!
Se bem que dizer que as empresas ficam nas lonas ("*break the bank*") quando recorrem a tradutores humanos e vivinhos a saltar ("*real live humans*")... se calhar, não é lá muito ético, será?
**Post Scriptum**: Desculpem lá, mas essa do "real live humans" (verdadeiros humanos vivos), faz-me lembrar aquele filme de robôs (*The Surrogates – Os Substitutos*) em que os humanos eram chamados de "*meat bags*" (sacos de carne)... Será que há humanos não verdadeiros? Ou será que os humanos mortos também podem fazer "*crowd-based post-editing*"?

My dear readers, if at first sight one can't see what the backside has to do with the trousers, not even with eagle eyes can one find the link between taps and translation.
I have to say we are all walking around blindfolded. And as the saying goes: "in the land of the blind, the one-eyed man is king". As they explain:
***"Before there was a water distribution problem but when we put taps in people's homes the problem was solved"!*** Awesome, don't you think? That's exactly what is happening with translation! You still don't get it? They go on to explain more clearly. It's all linked to the ***"need to create a scalable manner of providing translation in quality, and investing in social speed and human translation".*** Did you read this remarkable sentence carefully? Read it again, if you don't mind.
Well, in addition to being blind, we are all illiterate. We do not speak the language of our time. What time? The future, my dear readers, or the future today, this fantastic present when it is enough to simply turn on the tap and reams and reams of freshly translated words will gush out, still smoking from the scalability and social speed!
And all the while we are here worrying ourselves with Quality Norms, Quality Certificates, International Quality Standards, Quality Control, translations carried out solely by mother tongue natives of the target language.
What's that? Into the garbage can! If you speak two languages "you're in". And if you can translate into three or four, you are even more "in". Okay, they reveal the secret: it's "*Crowd Post-Editing*". Elementary, my dear Watson!
It works like this: ***"We start from a machine-translated text, then split it into segments and distribute it among translators, and finally a senior translator confirms it."***
The goal? They explain: a normal translator (in other words, us, the troglodytes) translate 300 to 400 words an hour. The aim is that this figure is increased to 40,000.
Did you read correctly? Yes, forty thousand words an hour, or to put it another way, around 130 pages. Of course it's not a question of translating them, but rather reviewing the automatic translation, but... have you ever tried reading 130 pages in an hour? I suspect that these "Crowd Post-Editors" read a lot of blank pages, without wanting to cause offence, of course!
Although saying that companies "break the bank" when they use "real live human" translators is not very ethical, is it?
**Post Scriptum**: If you excuse the aside, this "real live humans" expression reminds me of the film "The Surrogates", in which humans were called "meat bags". Could it be that non-real live humans exist? And can dead humans also do "crowd-based post-editing"?

**Margarida Fonseca Silva**
(Managing Partner)

magazinephilos

Fundador :: Founder
Sílvio Oliveira

Editor :: Editor
Margarida Fonseca Silva

Textos :: Texts
philos

Colaboração especial :: Special collaboration
Carlos Castilho Pais

Versão inglesa :: English version
Thomas Kundert

Design
Vitor Silva
Ricardo Fernandes

Fotografia :: Photos
philos
Sílvio Oliveira
(Álbum de fotografias :: Photo Album)

Publicação :: Publisher
philos - comunicação global, lda

www.philos.pt
ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.

This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.

# Crowd-based Post-editing

Paula Pires
-Quality Manager-

Como os meus leitores mais atentos recordarão, alertei aqui, na edição de junho do nosso Magazine, para a crescente importância da intervenção do tradutor no processo designado de "post-editing" (a revisão da tradução obtida por ferramentas informáticas). Ora, ao ler o Contra a Corrente desta edição, não pude deixar de ficar preocupada com a possibilidade de o meu texto anterior ter sido mal interpretado. É que, na verdade, também neste caso, como diz a nossa colega e sócia fundadora da **philos**, "o tutu" nada tem a ver com as calças. Ora vejamos:

As empresas do chamado "crowdbased-post-editing" referido no nosso Contra a Corrente, publicitam aos quatro ventos a sua capacidade de receber e entregar ao cliente o texto de um "e-mail" em 10 a 15 minutos, já devidamente traduzido e revisto, com a melhor qualidade. Se o e-mail contiver duas linhas a dizer "bem recebido, obrigado e cumprimentos", enfim... não diremos que não, considerando que, provavelmente, o processo de tradução de máquina resolverá de uma penada a questão, sem grande margem para erros. Mas, se o texto do e-mail incluir, o que não é raro, duas palavrinhas de gíria técnica, três palavrinhas de contexto jurídico e mais uma ou duas da área contabilística... será que os tais 10 a 15 minutos são suficientes? Permitimo-nos duvidar.

Como muito mais nos permitimos duvidar da qualidade do propalado meio milhão de palavras traduzidas em apenas "uns dias". Nós (os tais trogloditas), que já temos "tarimba" destas coisas há largos anos, sabemos bem que ***"Partir de uma tradução automática, depois segmentar o texto em trechos e dividi-lo pelos tradutores e, no fim, um tradutor sénior confirma"*** – é a tal coisa que só parece simples, prática, espetacular... a quem não percebe patavina do assunto!

A propósito: há 20 anos já havia ferramentas de tradução assistida por computador, sabiam? Ah! Mas não tem nada a ver, responder-me-ão, porque, como os próprios definem esta nova tecnologia, "isto é uma espécie de Google Translator, mas sem erro"...

Há meia dúzia de anos, já havia Google Translator e acelerados desenvolvimentos de ferramentas de tradução automática, quando foi criada a Norma Europeia de Certificação da Qualidade da Tradução EN15038. Não terá sido, certamente, por acaso...

**Nota final:**

As tais "torneiras" podem fazer jorrar milhões... mas não para os bolsos dos tradutores que, pagos a 8 USD$ à hora, dificilmente acederão à torneira, e terão, provavelmente, de contentar-se com água da chuva!

As my more attentive readers will recall, in the June edition of our Magazine I pointed to the growing role of the translator in "post-editing" (the translator's review of a machine-generated translation). Having read the Against the Current column of this edition I could not help but be concerned that my previous text may have been misunderstood. In truth, also in this case, as our colleague and founding partner of **philos** says, a backside has nothing to do with trousers. Let me elaborate:

The companies providing so-called "crowd-based-post-editing" services mentioned in Against the Current never tire of boasting about their ability to receive and deliver an e-mail message to a client in 10 to 15 minutes, duly translated and reviewed, with the highest quality standards. If the e-mail contains two lines saying "received correctly, thank you and regards", we believe it is possible, considering that the machine translation process will probably undertake the task in a jiffy, without much margin for error. But what if the e-mail includes, as they often do, two words of technical jargon, three words of legalese and one or two accounting terms? Will 10 or 15 minutes be enough? I would not be so sure.

My doubts are far greater with regard to the quality of the trumpeted half a million words translated in just "a few days". We (the troglodytes), who have been in the trade for many years know only too well that ***"Starting with an automatic translation, then splitting it up into segments of texts to distribute among different translators, and finally handing it to a senior translator for confirmation"*** – may seem a simple, practical and marvellous idea... to somebody who understands nothing of the art of translation!

On this point, did you know that machine-aided translation has been around for 20 years? Ah! But this is a different story, they will claim, because as they themselves define this new technology: "it's a kind of Google Translator, but cutting out the mistakes".

Google Translator and big strides in the development of automatic translation tools have been with us for half a dozen years, when the EN15038 European Translation Quality Certificate Standard was created. It certainly was not created by chance.

**Final note:**

Those "taps" may gush millions, but not into the pockets of the translators who are paid 8 US dollars an hour, and who are therefore unlikely to have access to any magic tap and who may well have to make do with rainwater!

Vitor Silva

# O Ulmeiro de Monção
## The Elm of Monção

* Luís de Camões (1524-1580)

Atentem nesta fotografia e digam-me se, olhando uma árvore assim, não nos sentimos pequeninos, insignificantes e tão, tão limitados no tempo que a vida nos concede!
Está inserido nas Muralhas de Monção, classificadas como Monumento Nacional desde 1910; e aparece-nos ali, tão singelo e discreto que passaria despercebido aos mais distraídos, não fosse a placa que o assinala e a paisagem estonteante que se derrama em seu redor.
É o ulmeiro de Monção.
Não remonta ao tempo de Deu-la-Deu Martins, a heroína representada no brasão de armas de Monção e, também, na bela escultura de Cutileiro, que lhe faz companhia. Mas já viu, certamente, passar muitas gentes, muitos sóis e muitas luas, permanecendo ali, sereno, com a sua imensa copa a lembrar um porto de abrigo.
Costuma dizer-se que a Monção se vai para comer e beber, porque nisso os pergaminhos de Monção são ímpares: a riquíssima gastronomia da região minhota e, claro, o vinho, em particular o "Alvarinho", que só existe numa pequena região demarcada, nas margens do rio Minho, a meia encosta, no Norte de Portugal.
Mas a Monção vai-se, também, para conhecer um património histórico rico, de que fazem parte muralhas e outras pedras ilustres, e, também, um ser vivo chamado ulmeiro.

Look at this photograph carefully and try telling me, upon beholding such a sight, that we don't feel so small, insignificant and so very limited in the time that life grants us!
It can be found inside the Muralhas de Monção (Monção Walls), which have been classified as a National Monument since 1910; and it stands there, so unassuming and discreet that it could even go unnoticed by a passer-by, if it was not for the plaque in front of it and the stunning landscape that is its backdrop.
It is the Elm of Monção.
It does not go back to the time of Deu-la-Deu Martins, the heroin depicted on the Monção coat of arms, and also on Cutileiro's beautiful sculpture that keeps it company. But it has certainly seen endless people pass it by, endless suns and endless moons, remaining there, serene, with its immense canopy that appears a shelter.
It's common to hear people say that Monção is a place to go to eat and drink well, and indeed the town of Monção is unparalleled in the delights it offers the palate: the culinary marvels of the Minho region, and of course, the wine, especially the "Alvarinho", which is produced only in a small demarcated region, on the hillsides rising from the banks of the River Minho in the north of Portugal.
But Monção is also worth a visit to get to know its rich historical heritage, of which walls and other illustrious stones are part, as well as a living being called an elm.

# Em português
# In Portuguese

Carlos Castilho Pais
[professor universitário :: university professor]

Desta vez, o tema escolhido para esta crónica é de atualidade imediata. Nada tem mexido tanto na 'consciência' europeia nos últimos meses como o drama dos refugiados. Basta lembrar o tema, sem mais, e dessa forma passarei àquilo que interessa aqui. Qualquer pedaço do nosso planeta é 'terra de asilo'. Parece que foi sempre assim, desde os primórdios. Ainda bem que sempre se encontrou terra para onde ir. O pedaço de terra para onde se vai encontra-se habitado. Neste movimento, há que pensar no encontro. Porque é disso que se trata. O acolhimento é de várias formas, bem entendido. E já se compreendeu, sobretudo quem tem seguido estas crónicas com uma existência já de alguns anos, que não podíamos deixar de incluir a tradução nas formas do acolhimento. São humanos os que chegam. E não chegam para permanecerem nos campos para refugiados! A nova vida que os espera implica o contacto com os outros, aqueles que os recebem, com outras línguas e culturas.

Pensar-se-á, e por certo com razão, que estamos perante um fenómeno de alargamento do mercado de tradução. Serão precisos mais tradutores. E terão porventura mais trabalho os tradutores especializados em certos conjuntos de línguas. É natural que assim seja durante algum tempo, até ao momento em que aqueles que chegam comecem a ser autónomos na comunicação nas suas relações profissionais, sociais e até de lazer.

Mas não deve esquecer-se o voluntariado, que também existe, no campo da tradução. Felizmente, o voluntariado existe, embora não seja tão conhecido como o de outros campos. Por uma questão de verdade, importa que se saiba que existe, importa dá-lo a conhecer aos novos tradutores, aos recém-licenciados pelas nossas Faculdades.

Os profissionais da tradução, no seu campo, não são diferentes dos outros profissionais. Recuso-me a encará-los como apenas preocupados com pagamentos e recibos, contabilistas do número de linhas e de páginas traduzidas. Ao necessário, junto-lhes a sensibilidade e a humanidade.

Muitos tradutores são voluntários em associações que criaram para esse efeito. As que conheço oferecem trabalho voluntário na área do direito, auxiliando quem precisa e não tem meios, nos seus problemas com a justiça e afins. Seguramente, estas associações estarão na primeira linha do voluntariado no momento que atravessamos, contando com os seus associados, mas também com aqueles que, dadas as circunstâncias, não deixarão de oferecer-lhes o seu contributo.

Partir, nunca será uma decisão fácil para ninguém. Atenua-se o sofrimento, apoiando quem precisa. A isso obriga a fraternidade. Nesta crónica, apenas quis lembrar que a fraternidade existe no campo da tradução. De pouco valerá. Mas a lembrança aqui fica. Para que conste.

The theme under discussion for this edition's column is a topical issue. Nothing has shaken the European 'conscience' more in recent months than the drama of the refugees. With this topic in mind, I move onto what is of interest here. Any part of our planet is 'asylum land'. It seems this has always been the case, from the earliest times. Just as well there has always been land to go to. The patch of land where one goes is inhabited. In this movement, we have to think about the meeting. Because that is what we are talking about. The act of welcoming people in need can take several forms. And it is evident, especially for those who have read this column over the years, that we cannot ignore translation when it comes to how people should be welcomed. We are talking about the arrival of human beings. And they haven't arrived to be accommodated in refugee camps! The new life awaiting them implies contact with others, those who receive them, who have different languages and cultures.

We can think, with a certain degree of justification, that the phenomenon will lead to a broadening of the translation market. More translators will be necessary. And maybe there will be more work for translators specialised in certain language pairs. It is natural that this is the case for some time, until those who arrive start to become independent in their communication in the workplace and in their social and leisure activities.

But one should not forget the voluntary aspect in the field of translation. Fortunately, there are translator volunteers, although this field of voluntary action is not as well known as other fields. It is important to point out this channel and to let the newly graduated translators from our universities know about it.

Translation professionals, in their field, are no different from other professionals. I do not accept that they are interested only in payments and revenues, counting the number of lines and pages translated. Although these tasks are necessary, translators are also people with sensibility and humaneness.

Many translators are volunteers in associations created for this purpose. Those I know offer their voluntary work in the area of law, helping the needy who do not have resources with their problems related to the legal system. These associations will certainly be in the front line in the current climate, counting on the work of their members, but also those who, given the circumstances, would also like to give their contribution.

Departing can never be an easy decision for anyone. The suffering can be alleviated by providing support to those who need it. This nurtures fraternity. In this column I wanted merely to point out that fraternity can be found in the world of translation. It may not be worth a lot. But I leave this note here. So it be known.

# Gosta de flores?
## Are you a flower fan?

O seu nome lembra-nos logo o berço político e cultural da Europa: a Grécia... lembram-se?
É que o nome "Agapantos" deriva das palavras gregas 'agape', que significa amor, e 'anthos', flor. Um nome que resulta algo exótico, em português, mas com um significado de que bem andamos carecidos nestes tempos de horizontes carregados, a lembrar as telas tempestuosas de Mr. Turner...

O nome científico dos exemplares que hoje vos apresentamos é *Agapanthus africanus*, originário da África do Sul e muito bem adaptado a países de clima temperado como o nosso.
Pouco exigente em termos de solo, resiste bem ao frio e às geadas de inverno, e floresce em pleno sol ou, mesmo, em meia-sombra.
As suas grandes e belas flores azuis ou brancas decoram abundantemente os nossos jardins e paisagens durante os meses de verão.

Its name reminds us of what was once the political and cultural cradle of Europe: Greece – remember that?
The name "Agapanthus" derives from the Greek words 'agape', meaning love, and 'anthos', meaning flower.
The outcome is a somewhat exotic name, in Portuguese, but loaded with the meaning of a commodity that is in short supply in these dark times that seem an embodiment of Mr. Turner's stormy landscapes.

The scientific name of the samples we bring to you today is *Agapanthus africanus*, native to South Africa and which takes very well to countries of temperate climates, like Portugal's.
Requiring little soil, it withstands the winter cold and frost, and blooms in sunny or even half-shaded spots.
Its large and beautiful blue or white flowers abundantly adorn our gardens and landscapes during the summer months.

# Agapantos Agapanthus

MAGAZINE PHILOS - OFFICIAL SPONSOR
XOQO
HAUTE XOQOLATERIE
http://www.facebook.com/xoqomaia

# Passatempo For FUN

É uma belíssima escultura dedicada a um dos grandes poetas franceses. Sabe quem é e em que cidade se encontra?

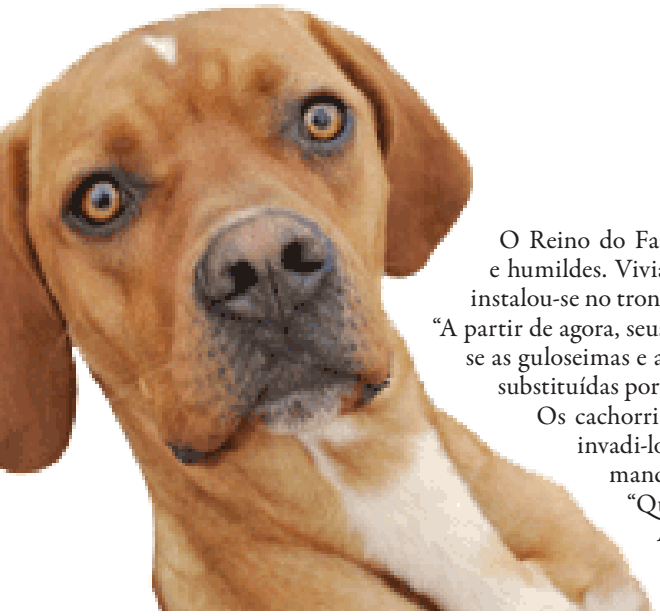
A beautiful sculpture paying hommage to one of greatest poets of France. Do you know who is represented and in which city can you find it?

## Edição anterior Last Issue

A resposta certa era: Sinti Girl Ehra – Düsseldorf.
Escultura de Otto Pankok. Nos anos 30 do século passado, Pankok esculpiu diversas figuras de crianças das etnias ciganas Sinti e Roma. Ehra foi um dos seus modelos. Durante o Terceiro Reich, Ehra foi deportada para um campo de concentração. Embora tenha sobrevivido, a sua imagem serve hoje de memorial ao genocídio perpetrado pelos nazis sobre as etnias Sinti e Roma.

The correct answer was: Sinti Girl Ehra – Düsseldorf.
A sculpture by Otto Pankok. In the 1930s, Pankok created numerous images of Gypsies – and Roma children. Ehra was one of his models. During the Third Reich, Ehra was deported to a concentration camp. Despite that she was one of the few survivors, her image serves today as a memorial for the murdered Sinti and Roma of the time.

# No Reino do Faz-de-Conta
## In Make-Believe Land



*Dom Biralbo da Porta do Olival*

O Reino do Faz-de-Conta era habitado por várias matilhas de simpáticos cachorrinhos, dóceis e humildes. Viviam todos muito felizes e contentes até que, um dia, a Bruxa Má invadiu o Reino, instalou-se no trono e logo fez publicar um edital:

"A partir de agora, seus cachorros preguiçosos e gastadores, ireis ver reduzidas as vossas rações, acabaram-se as guloseimas e as idas ao veterinário, e as vossas casotas, que são excessivamente luxuosas, irão ser substituídas por pátios ao ar livre, aquecidos pelo sol e lavados pela chuva. Tenho dito! "

Os cachorrinhos ficaram muito indignados. Reunidos em volta do palácio real, ameaçavam invadi-lo. A Bruxa Má, assustada perante os violentos latidos, teve então uma ideia... Sorriu, mandou chamar os escrivães do Reino e fez publicar outro edital:

"Queridos cachorrinhos, compreendo e partilho sinceramente as vossas preocupações. As medidas que vos anunciei foram necessárias para resolvermos os problemas do Reino. Mas, em breve ireis ver a luz ao fundo do túnel. Isto é, a partir de agora, as vossas rações irão sendo aumentadas, as vossas casotas irão sendo devolvidas e, até, num futuro que se adivinha próximo, serão de novo distribuídas as guloseimas que tanto apreciais."

A partir de então, todos os dias era publicado um novo edital:

"Hoje demos o primeiro passo: vejam como aumentou a vossa ração!" Ou:

"Em resultado das medidas tomadas, a saúde reina entre vós, e as autoridades sanitárias acabam de me confirmar que podemos prescindir dos serviços veterinários, estais sãos como peros!" Ou, ainda:

"Finalmente, as casotas vão começar a ser-vos devolvidas! E em breve, muito em breve, prevejo a possibilidade de reatar a atribuição de guloseimas, como prémio do vosso esforço e sacrifícios! Estamos, todos, de parabéns!"

E assim sucessivamente, todos os dias eram anunciadas novas papas e bolos que enchiam os cachorrinhos de esperança e alegria.

Na realidade, os pratos de ração continuavam vazios, não havia casotas e os cachorrinhos tiritavam de frio. Mas, de novo alegres e contentes, os cachorrinhos comentavam uns para os outros: "Olha, olha, hoje tenho mais ração", ou "Anda ver a minha casota nova", ou, ainda, "Estou são como um pero, uiii! atchimmm...!"

E assim viveram felizes por muitos e muitos anos no Reino do Faz-de-Conta.

Make-believe Land was populated by several packs of gentle, sweet and humble puppies. They all lived happily and content until one day the Wicked Witch invaded the kingdom, took over the throne and decreed the following:

"From now on, you lazy and spendthrift puppies are to have your food rations cut, no more sweets and forget any trips to the vet. As for your extravagantly luxurious kennels, they will be replaced by open-air yards, warmed by the sun and washed by the rain. My decision is final!"

The puppies were outraged. Gathering outside the royal palace, they threatened to storm it. The Wicked Witch, frightened by the violent howls, had an idea. She smiled, and ordered her minions to go out and announce another decree:

"Dear puppies, I understand and sincerely share your concerns. The measures I announced to you were necessary to solve the Kingdom's problems. But you will soon see the light at the end of the tunnel. Therefore, from now on your food rations will be raised, your kennels will be returned, and in the near future the sweets you are so fond of will again be distributed."

From that moment onwards, every day a new decree was announced:

"Today we took the first step: look at your increased food ration!" Or:

"As a result of the measures taken, you are all in rude health, and the sanitary authorities have just confirmed that we can do away with the veterinary services; you are as fit as fiddles!" Or, even:

"Finally, the kennels are going to be returned! And soon, very soon, I foresee the possibility to resume the attribution of sweets as a reward for your efforts and sacrifices! We are all to be congratulated!"

And so on successively. Every day new biscuits and cakes were announced that filled the puppies with hope and joy.

In reality, the food dishes remained empty, there were no kennels and the puppies shivered with cold. Nevertheless, happy and content again, the puppies commented to one another: "Look here, today I've got more food", or "Come and look at my new kennel", or even, "I'm as fit as a fiddle, oh excuse me! achoo!"

And as such they lived happily for years and years in Make-Believe Land.

Thomas Kundert

# The great Anglo-Luso animal disconnect

## A grande discrepância animal Anglo-Lusa

"Okay, it's time to crack this lingo once and for all," I determinedly said to myself as my 3-year-old started putting together sentences, the pronunciation and construction of which put his father's attempt to speak the language of Camões to shame.

I hit upon a different approach. Instead of going back to the piles of books detailing the endless grammatical nuances of the language, I decided to accompany my son's evolving relationship with the written word. Yes, I was embarking on a novel speaking course by reading books for Portuguese toddlers. What could go wrong?

It was going fine until I began opening the never-ending list of children's stories containing animal noises.

"Piu Piu? What on earth is that?" I asked my wife, who patiently explained it was the sound made by birds.

"What? That's not the sound they make, the sound they make is 'tweet tweet', everybody knows that," I retorted.

"Not in Portugal they don't," was my wife's sharp reply.

After having got over the shock, we moved onto dogs, and straight away another bone of contention.

"Au au!!! That's just ridiculous. A dog goes woof woof – it's nothing like au au!" I protested.

Another heated argument ensued, including aspects as refined as different breeds and sizes of canine, after which I had to concede, albeit not totally convinced, that perhaps the Portuguese version of dog-speak was more accurate.

By now my "brilliant" idea to refine my Portuguese by learning anew as if a child was starting to show serious flaws. The final straw was when I turned the page and staring back at me was a proud cockerel with a speech balloon emanating from his mouth filled with huge colourful letters spelling out something I can only describe as akin to an odd form of hieroglyphics: "**COCOROCOCÓ**"

Dear lord, how can any right-minded individual not agree that the sound you hear if you find yourself on a farm early in the morning is "cockle doodle doo"!

I closed the book, put it back on my son's bookshelf and reached once again for my "Dicionário dos Verbos Portugueses" (Dictionary of Portuguese Verbs).

"Muito bem, chegou a hora de decifrar esta língua de uma vez por todas", decidi eu, firmemente, quando vi o meu pimpolho de 3 anos começar a juntar frases, com uma construção e uma pronúncia que envergonhavam as tentativas do pai para falar a língua de Camões.

Encontrei uma abordagem diferente. Em vez de voltar às pilhas de livros que mergulham detalhadamente nas infindáveis variantes gramaticais da língua, decidi acompanhar o crescente relacionamento do meu catraio com a palavra escrita. Isso mesmo, iniciar um novíssimo curso de aprendizagem da língua através dos livros de português para miúdos. Que mal podia haver?

Tudo na perfeição, até que comecei a abrir a lista interminável de histórias para crianças descrevendo os sons dos protagonistas do reino animal:

"Piu Piu? Que diabo é isso?" Perguntei à minha mulher que, muito pacientemente, me explicou tratar-se do som emitido pelos pássaros.

– O quê? Mas o som que eles fazem não é esse, o som que eles fazem é 'tweet tweet', toda a gente sabe isso – retorqui eu.

"Não, em Portugal não", foi tudo o que consegui por resposta.

Depois de recuperado do abalo, passei à secção canina, para logo encontrar um novo pomo de discórdia.

"Au au"!!! Que coisa ridícula. Um cão faz "woof woof" – nada que se pareça com au au! – protestei.

E lá se seguiu mais uma discussão, com aspetos tão detalhados como as diferentes raças e tamanhos da espécie canina, após o que acabei por sair vencido, mas não totalmente convencido de que talvez a versão portuguesa da fala canina fosse mais rigorosa.

Por essa altura, já a minha "brilhante" ideia de apurar o meu português começando a partir do nada, como uma criança, começava a pôr a descoberto evidentes falhas. O golpe final chegou quando voltei a página e dei de caras com um vaidoso galaró, tendo a sair-lhe do bico um balão legendado cheiinho de letras coloridas, soletrando qualquer coisa que só posso descrever como semelhante a um estranho conjunto de hieróglifos: "**COCOROCOCÓ**"

Senhores, mas pode alguém em seu perfeito juízo não concordar que o som que ouvimos logo de manhãzinha, se estivermos numa quinta, é "cockle doodle doo"?!

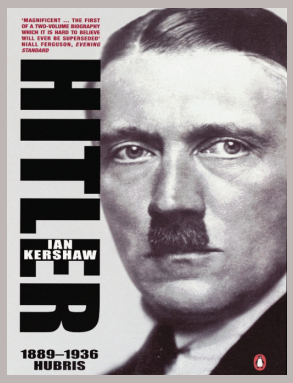
Fechei o livro, voltei a pô-lo na estante do meu filho e regressei às páginas do meu Dicionário dos Verbos Portugueses. ■

(Re)leituras (Re)reading

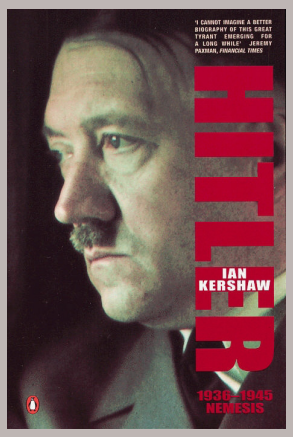
Nelson Loureiro

## Hitler – Hubris/Nemesis

### Ian Kershaw




Nesta que será, porventura, a mais magistral obra alguma vez escrita sobre o líder (quase sempre) incontestado do partido Nazi e, durante uma década, da Alemanha, é-nos apresentado o perfil de um ditador que, na verdade, foge aos traços geralmente associados a esse tipo de figuras.
Espera-se, de um ditador, que seja metódico na organização e cumprimento dos seus objetivos, sempre traçados de antemão e para os quais trabalha afincadamente, embora com capacidade suficiente para reformular caminhos e/ou recuar ligeiramente, apenas para voltar a atacar em força. Presume-se, ainda, que uma ditadura funcione assente numa estrutura burocrática bem oleada, que reduza ao mínimo as entropias, e que permita controlar até ao ínfimo pormenor a vida dos seus cidadãos. Depois, há a verdade sobre Hitler e o seu regime: o diletantismo, o enfado perante tudo o que exigisse organização e sistematização, a propensão natural para encontrar bodes expiatórios para os seus próprios insucessos, o fanatismo ideológico que o tornou incapaz de ceder e recuar, insistindo até ao fim na loucura dos seus sonhos terríveis.




Diz o povo, com a razão que assiste a milénios de conhecimento empírico, que nem sempre querer é poder. Mas que fazer quando quem chega ao poder baseia todo o seu programa no querer, na crença de que a mera vontade de que o mundo funcione de determinada forma chegará para que tal aconteça? Talvez o truque seja, como sempre, meter as trancas à porta, antes que nos arrombem a casa...

This is probably the most superb work ever written about the (almost always) uncontested leader of the Nazi Party and, for over a decade, of Germany. We are presented with the description of a dictator who, truth be told, does not match the profile generally linked to these kinds of figures.
One expects a dictator to be methodical in the organisation and fulfilment of his objectives, always planning in advance and working in a determined fashion, albeit with the ability to rethink paths and/or take a step backwards, only to again push forward at full strength. One also presumes that a dictator is backed up by a well-oiled bureaucratic machine that keeps obstacles to a minimum, and which allows absolute control over the smallest of details of his citizens. Then there is the truth about Hitler and his regime: dilettantism, the boredom of having to organise and systematise, the natural inclination to find scapegoats for their own failings, the ideological fanaticism that made him incapable of yielding or turning back, persisting until the end in the madness of his terrible dreams.
As the saying goes, which encapsulates millenniums of empirical knowledge, where there's a will, there's not always a way. But what can you do when those who achieve power base their entire programme on will, on the belief that the mere desire that the world should function in a given way is enough for it to come to pass? Perhaps the trick is, as always, to lock the barn door before the horse bolts...

Poemas de Vida Lifetime Poems

## Receita para fazer um herói
## Recipe for a hero

Tome-se um homem,
Feito de nada, como nós,
E em tamanho natural.
Embeba-se-lhe a carne,
Lentamente,
Duma certeza aguda, irracional,
Intensa como o ódio ou como a fome.
Depois, perto do fim,
Agite-se um pendão
E toque-se um clarim.
Serve-se morto.

Take a man,
Made of nothing, like ourselves,
And life-size.
Marinate the flesh,
Slowly,
With acute, irrational certainty,
As intense as hate or hunger.
Then, near the end,
Wave a flag
And sound the trumpet.
Serve dead.

### Reinaldo Ferreira *

* **Reinaldo Ferreira, filho (1922–1959),** nasceu em Barcelona e faleceu em Maputo, capital da então colónia moçambicana, onde viveu a maior parte da sua vida. Filho de Reinaldo Ferreira, o famoso *Repórter X*, dedicou-se ao teatro, música e edição de poesia, sem, no entanto, ter publicado nenhum livro seu em vida. A sua obra é habitualmente enquadrada numa linhagem que passa por Cesário, Pessanha e Pessoa, com forte tendência modernista e racionalista.

**Reinaldo Ferreira, junior (1922–1959),** was born in Barcelona and died in Maputo, capital of the then Portuguese colony on Mozambique, where he lived most of this life. Son of Reinaldo Ferreira, the famous *Reporter X*, he dedicated himself to theatre, music and publishing poetry, without, however, having published any book of his own in his life. His work is usually positioned in a lineage that includes Cesário, Pessanha and Pessoa, with strong modernist and rationalist traits.

# Em direto, na televisão
## Live, on television

Artur Semedo

Um adolescente de treze anos, os mesmos treze anos de tantos outros adolescentes que vão agora iniciar o novo ano letivo, um pouco por todo o território português, fala para as câmaras de televisão. Nos vinte e cinco segundos do seu discurso, não há tempo para celebrar o reencontro com os colegas de turma, sobretudo aqueles que vivem mais longe de sua casa, e que, por isso, já não vê há uns meses; não há tempo para resumir as férias de verão, as brincadeiras, os joelhos esfolados, as noites quentes e inquietas a sonhar com as aventuras do dia seguinte; não há tempo para repetir os queixumes dos seus pais, de quando estes descobriram que a conta dos livros, manuais de atividades, cadernos, esferográficas e demais material escolar ultrapassava meio salário mínimo; nem sequer há tempo de dizer se prefere o Ronaldo ou o Messi.
Nos vinte e cinco segundos do seu discurso, há apenas tempo para confessar que não queria ter de fugir da terra que o viu crescer, apenas para ser olhado de soslaio nas terras onde for bater; há apenas tempo para confessar que tudo aquilo que deseja é que haja novamente paz na sua Síria natal.

Estes vinte e cinco segundos talvez não tenham tanta piada quanto uma entrega falhada de uma piza de extra queijo e *pepperoni*. Mas talvez sirvam para nos lembrar que seria bom que, de vez em vez, todos nós perdêssemos algum tempo, nem que fossem apenas vinte e cinco segundos, a pensar seriamente naquilo que queremos...

A thirteen-year-old adolescent, the same thirteen years as so many other adolescents who will now start the new academic year, all over Portugal, is talking to the TV cameras. In the twenty-five seconds he speaks there is no time to celebrate meeting up again with his classmates, especially those who live a long way from his house, friends he has not seen for months; there is no time to talk about the summer holidays, the games, the scraped knees, the hot and restless nights dreaming about the next day's adventures; there is no time to repeat their parents' complaints upon discovering that the bill for the textbooks, exercise books, pens, pencils and other school material is more than half the minimum wage; there isn't even time to say whether they prefer Ronaldo or Messi.
In the twenty-five seconds he speaks there is only time to confess that he didn't want to have to flee from his home, only to be looked down upon in the place he ended up; there is only time to confess that all he wants is for peace to return to his native Syria.

These twenty-five seconds were perhaps not as entertaining as a failed delivery of a pizza with extra cheese and pepperoni. But perhaps they serve to remind us that it would be a good idea, once and for all, for all of us to stop and think a little, even if only for twenty-five seconds, about what we really want...

# LightShot

## Captura de ecrã à distância de dois cliques

## Screen capture two clicks away

Ricardo Fernandes

São várias as aplicações que existem para captura de ecrã, umas mais conhecidas que outras, incluindo algumas que até vídeos permitem fazer. Contudo, a que apresentamos hoje está, na nossa opinião, no primeiro lugar das opções gratuitas deste tipo de ferramentas, pela sua simplicidade e possibilidade de partilha direta.

O *LightShot* é uma aplicação diferente para captura de ecrã. Uma das suas características marcantes é a de permitir a captura de ecrã por área selecionável, o que nos dá um controlo direto sobre o que vamos de facto registar, que será igual ao que queremos registar.

Configurado por defeito para executar sempre que se prima a tecla *Print Screen*, apresenta-nos de seguida um pedido para que selecionemos a área desejada, e disponibilizando também duas barras de ferramentas onde encontramos diversas funcionalidades.
É assim possível, através da barra lateral, desenhar sobre a área selecionada, inserir anotações e realces, etc. Já na barra horizontal, estão disponíveis todas as funções de partilha: envio direto para a nuvem, descarregamento, envio para a área de transferência etc., sempre com um fantástico dinamismo.

Sem dúvida que esta é uma ferramenta muito simples de usar e com todas as funcionalidades necessárias para capturar ecrã. Além disso, e como dissemos, é gratuita, oferecendo ainda um editor *online*, e pode ser integrada nos mais diversos browsers.
Uma funcionalidade igualmente interessante é a possibilidade de se pesquisar *online* por imagens semelhantes à que registámos, o que nos pode auxiliar, por exemplo, a encontrar a solução para um determinado erro que detetámos e registámos por captura de ecrã.

There are several applications to capture screenshots, some more well-known than others, including some that even include videos. However, the one we present today is, in our opinion, the best of the free options of this kind of tool, because of its simplicity and the possibility of sharing directly.

LightShot is a different kind of screenshot application. One of its major strengths is the feature to enable the user to select only the part of the screen that is of interest, thus giving us full control to capture exactly what we want to capture.

Configured by default to run whenever you press the Print Screen key, we are then presented with a request to select the desired area and two bars containing several functionalities.
This makes it possible, using the side bar, to draw on the selected area, insert notes and highlights, etc. The horizontal bar contains all the sharing functions: send directly to a cloud, download, send to a transfer area, and so on, all of which work incredibly smoothly.

This is without doubt an extremely user-friendly tool that contains all the functionalities needed for a screenshot. Furthermore, and as we said, it is free, and also offers an online editor, and can be integrated into the full range of browsers.
An equally interesting functionality is the possibility to search for images online similar to the ones we capture, which can help us, for example, find the solution to a given error that we detected and captured through a screenshot.

**https://app.prntscr.com**

# ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Páginas dedicadas ao nosso sócio fundador, Sílvio Oliveira.

*A fotografia é o retrato de um côncavo, de uma falta, de uma ausência?*

Clarice Lispector in A Paixão segundo G.H.

# PHOTO ALBUM

These pages pay hommage to our founder-partner, Sílvio Oliveira.

*Is photography the portrait of a concavity, of a lack, of an absence?*

Clarice Lispector in The Passion according to G.H.

Fernando Nogueira

## As 1001 Noites / Arabian Nights

"O inquieto", o primeiro dos três filmes de "As mil e uma noites", do realizador Miguel Gomes, estreou nas salas portuguesas a 27 de agosto.

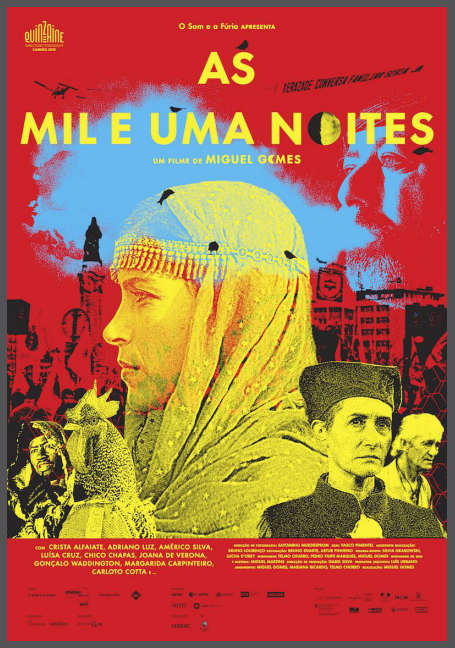
"O desolado", o segundo filme, estrear-se-á em setembro, e "O encantado", o terceiro, chegará aos cinemas em outubro.

Diz-nos o realizador:
No filme, as histórias que Xerazade conta passar-se-ão em Portugal. Não num Portugal contemporâneo dos contos do livro, mas no Portugal de hoje, em crise económica e ebulição social. O Portugal de 2013 e 2014, habitado por ricos e pobres, poderosos e insignificantes, trabalhadores e desempregados, ladrões e homens honestos. Marcado pelas consequências da crise, também um Portugal delirante e de excessos.
O que se pretende com este filme é fazer duas coisas em simultâneo: 1) retomar o espírito delirantemente ficcional de As Mil e Uma Noites e, sobretudo, reafirmar com ele e através dele o vínculo que une o Rei e Xerazade (a imperiosa necessidade de histórias), e, 2) traçar um retrato ou uma crónica de Portugal durante um ano (num momento em que o país está sujeito aos efeitos da "austeridade" criados pelo programa de assistência financeira da Troika). Ficção e retrato social, tapetes voadores e greves. Aparentemente dimensões que não estão ligadas ou que, pelo menos, nos habituamos a arrumar em diferentes gavetas. Mas imaginário e realidade nunca puderam viver um sem o outro (e Xerazade bem o sabe).

"O inquieto" (The Restless One), the first film in the "As mil e uma noites" (Arabian Nights) trilogy by director Miguel Gomes, was released in Portuguese venues on 27 August.

"O desolado" (The Desolate One), the sequel will be released in September, and the third film in the series, "O encantado" (The Enchanted One), will be in the cinemas in October.

In the director's words:
In the movie, the stories told by Scheherazade happen in Portugal. Not in a Portugal contemporary to the stories in the book, but in today's Portugal, struggling in the midst of a financial crisis and social turmoil. Portugal in 2013/2014, inhabited by rich and poor, powerful people and nobodies, workers and the jobless, thieves and honest men. And scarred by the consequences of the crisis, a Portugal that is also delirious and rife in excesses.
The film's intention is twofold: 1) to bring a return to the delirious fictional spirit of One Thousand and One Nights, in so doing emphasising the bond linking the King and Scheherazade (the imperious need to tell stories); and 2) to draw a portrait or a chronicle of Portugal over a year (in a passage in time where the country is under the effects of "austerity" built by Troika's financial assistance programme). Fiction and a social portrait, flying carpets and strikes. Dimensions that apparently are not connected to each other or, at the very least, we are used to putting in separate boxes. However, imagination and reality cannot exist without one another (as Scheherazade knows only too well).






## Keep Razors Sharp

Os Keep Razors Sharp são Afonso (Sean Riley & The Slowriders), Rai (The Poppers), Bráulio (ex-Capitão Fantasma) e Bibi (Pernas de Alicate), uma banda de amigos que começaram a frequentar a sala de ensaios nos intervalos das saídas à noite. O percurso iniciou-se naturalmente e as músicas foram surgindo sob a premissa de nunca se prenderem a estilos ou limitações estéticas. "Keep Razors Sharp" foi composto e gravado em três sessões de estúdio espalhadas no tempo, e de espírito tão livre como a composição.
O resultado é um disco no qual a visão da banda, ao nível de som e espaço, foi enriquecida pelas várias contribuições ao longo do processo de gravação e mistura.
A parte visual de "Keep Razors Sharp" foi desenvolvida pela ilustradora Sara Feio que criou de raiz uma imagem com enfoque na dicotomia presa/predador, temática amplamente explorada - sob diversas formas - na componente lírica das canções. Keep Razors Sharp é uma viagem que em tudo reflete paixão. Por vezes, resultado direto da sua vivência, outras, espelhando a sua ausência, mas sempre intensa e nunca indiferente.

Keep Razors Sharp consist of Afonso (Sean Riley & The Slowriders), Rai (The Poppers), Bráulio (formerly Capitão Fantasma) and Bibi (Pernas de Alicate), a group of friends that started to hang out in the jamming room when they weren't spending nights out.
The journey took its course naturally and the songs began to take shape under the premise of never becoming stale or being hostage to specific styles or aesthetical limits. "Keep Razors Sharp" was produced and recorded in three studio sessions spread over time and with a spirit as free as its composition.
The outcome is an album in which the band's vision, in terms of sound and space, is enriched by several collaborations throughout the recording and mixing process.
The artwork of "Keep Razors Sharp" was drawn by illustrator Sara Feio, who from the start created an image focused on the prey/predator dichotomy, a theme widely explored – in several ways – in the songs' lyrics.
Keep Razors Sharp is a journey that reflects passion everywhere and in everything. sometimes a direct result of this fervour, other times reflecting its absence, but always intense and never indifferent.

# Do Douro ao Danúbio - Chegada (atribulada) a Valência

## From the Douro to the Danube - The (rigorous) route to Valencia

Margarida Fonseca Silva

*(Já lá vão, vê lá tu, dez anos mais um, sim, dez anos mais um, porque agora não digo capicuas, foi com a idade duma capicua que partiste, havíamo-nos achado a metade dessa capicua... fiquei a odiar capicuas, por isso, já lá vão dez anos mais um.)*

Tínhamos atravessado a Europa.
Era outra Europa. Ainda se erguiam, naqueles países mais a leste, vivas à liberdade. Ainda mãos de artistas se ocupavam de esculpir aços e pedras a comemorar o fim dos muros e dos arames farpados (*agora, vê lá tu, estão outra vez muito ocupados a erguer muros e arames farpados*).

Tínhamos atravessado a Europa, do Douro ao Danúbio: Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Polónia, Eslováquia, Hungria, Áustria, República Checa, Suiça... Paisagens, pessoas, artes, impressões, episódios pontilhando a memória, aqui e além...

Algures a partir do meio da viagem, na Hungria, talvez, um teu dentinho antipático começou a dar sinais de indisposição. É da viagem – comentaste (*tu eras assim, não gostavas de te queixar, foste sempre assim, até ao fim*) – isto vai passar. Não passou. Países de línguas esquisitas, ninguém fala um inglês que se entenda... Fizeste de conta. O dentinho também ia fazendo de conta, solidário, talvez, com a nossa situação. Mas voltou a reiterar a sua dolorosa presença já na Suiça, à vista de Neuchâtel e depois, sempre ao longo da cordilheira do Jura, certamente tão abalado como nós pela ousadia de tanta beleza.

França à vista, latinidade é outra coisa, uma farmácia em Lyon há de resolver-nos o problema, um simples analgésico é quanto basta. – *Pas de prescription? Alors, Monsieur, pas possible!* – Tu apontavas o abcesso, e eu tentava também, com o meu francês muito académico, muito educado. – *Pas de prescription? Alors, Madame, pas possible!* – E a história foi-se repetindo nas farmácias seguintes, a lembrar-nos daquela vez, em Paris, numa esplanada do Marais em dia de festa... Pedíramos um bife com

>>

batatas fritas e o empregado viera, meia hora depois, ainda sem bife, perentório: "Pas de frites!" – e um simpático casal francês, na mesa ao lado, comentara-nos com ironia a proverbial (falta de) simpatia dos empregados de café parisienses...
Sem receita para analgésico, portanto, não deixámos, apesar disso, de desfrutar de um dia inteiro na cidade de Lyon, antes de rumar a Espanha, o dentinho agora a protestar desenfreadamente, em despudorada manifestação de descontentamento!

Era o fim da tarde quando chegámos a Valência, mesmo a tempo de encontrar a última farmácia aberta. Analgésico na mão e, já agora, não haverá por aí um consultório de dentista? Prontificaram-se a indicar-nos um, logo ali, mesmo pertinho do hotel. Corremos para lá, estava de serviço. Analisado o dentinho, a solução era radical: dentinho fora! A esta hora? – inquirimos. "*Si ustedes así lo quieren...*" Se queríamos? Anestesia... preparativos, dentinho fora! Ufa, que alívio!
Ah! *Nuestros hermanos*! Estávamos em Valência, e era como se já estivéssemos em casa!
(*Já lá vão dez anos mais um, parece que foi ontem, e olha, passaram cem anos só neste um, cem anos de solidão.*)

*(So ten years have passed plus one, yes ten years plus one, as I no longer say palindromes, because it was at a palindromic age that you departed, we had found each other halfway through this palindrome... I now hate palindromes, that's why ten years have passed plus one.)*

We had crossed Europe.
It was another Europe. Those countries furthest to the east were still finding their feet, vibrant with freedom. Sculptors were still shaping steel and stone to commemorate the end of the walls and of the barbed wire *(now, look at us, again busily erecting walls and lines of barbed wire).*

We had crossed Europe, the Douro to the Danube: Spain, France, Luxembourg, Germany, Poland, Slovakia, Hungary, Austria, Czech Republic and Switzerland. Landscapes, peoples, arts, impressions, episodes speckling the memory, here and beyond.

Somewhere, halfway through the journey, in Hungary perhaps, your unruly tooth began to express discomfort. "It's the journey," you said (*you were always like that, you never liked to complain, you were always like that, until the end*), "it will go away." It didn't. Countries with strange languages, where nobody speaks a word of intelligible English. You chose to ignore it. The tooth, perhaps in solidarity with our situation, also calmed down. But the painful pangs returned in Switzerland, as Neuchâtel came into sight, and then throughout the long Jura mountain range, the tooth no doubt as stunned as us by such beauty.

>>

Next stop France, Latinness is a different story, a pharmacy in Lyon is sure to solve the problem; a simple painkiller will do the trick. "*Pas de prescription? Alors, Monsieur, pas possible!*" You pointed to the abscess, and I also tried, with my very academic, very polite French. "*Pas de prescription? Alors, Madame, pas possible!*" And it was the same story in successive pharmacies, reminding us of that time in Paris, in a Marais café patio on a national holiday. We had asked for steak and chips and the waiter had returned, half an hour later, still without the steak, exclaiming: "Pas de frites!" and a kindly French couple, sitting beside us, ironically commented on the proverbial (lack of) politeness of Parisian café waiters. The absence of the painkiller prescription, however, did not prevent us from enjoying a full day in the city of Lyon, before heading for Spain, the tooth now fiercely and unashamedly protesting its discomfort!

It was the end of the afternoon when we arrived at Valencia, just in time to find the last open pharmacy. Painkiller in hand, we ventured to ask if there was a dentist nearby. We were immediately told the way, right there next to the hotel. A quick sprint later, and it was open. Mouth duly analysed, the solution was radical: out with the tooth! "Right now?" we asked. "*Si ustedes así lo quieren...*" If we wanted? Anaesthesia, preparations, tooth uprooted! Phew, what a relief!

Ah! *Nuestros hermanos*! We were in Valencia, and it was as if we were at home!

*(Ten years have passed plus one, it seems like yesterday, and look, one hundred years passed just in this last one, one hundred years of solitude.)*

magazinephilos

Esperamos que tenha gostado. Voltamos em dezembro.
Hope you have enjoyed. We will be back in December.